

Editorial

Francisco e o desafio essencial da ressurgência

Francis and the essential challenge of resurgence

Faustino Teixeira*

O papa Francisco, que completou 85 anos em 17 de dezembro de 2021, vem se encaminhando para o nono ano de pontificado em março de 2022, tendo substituído o papa Bento XVI (Ratzinger). Em todo esse período vem fazendo um trabalho magnífico na igreja católica, com o vivo propósito de renovar a instituição em sintonia com o projeto radical de seguimento de Jesus. Os passos de renovação verificam-se em vários campos de atuação. Permanece em curso sua tarefa de reforma da cúria romana, com um projeto de evangelização que se funda numa convicção enraizada de levar a narrativa evangélica aos quatro cantos do mundo.

Como assinalou com pertinência o cardeal Walter Kasper, a revolução de Francisco é sinalizada pela ternura e pelo amor, mas também pela alegria (KASPER, 2015). Tudo em íntima conexão com o evangelho, que é essencialmente um convite à alegria. Com o mote tirado do evangelho de João, Francisco indica que não pode haver tristeza entre os que se nomeiam cristãos, pois a alegria é o horizonte mais bonito a ser oferecido pelos discípulos de Jesus Cristo ao mundo. Em diálogo com Eugenio Scalfari, em julho de 2013, Francisco enfatizou que o ágape, o amor pelos outros, revela-se “o único modo de amar a Deus”, o caminho necessário para encontrar o rumo da salvação e das bem-

* Doutor em Teologia. Professor do Programa de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG. País de origem: Brasil. E-mail: fteixeira@uai.com.br

aventuranças. Não há outro atalho possível para o encontro amoroso com o Mistério sempre maior (FRANCESCO; SCALFARI, 2013). Esse Deus que não tem filiação religiosa, que não é um “Deus católico”, é revelação permanente e está sempre em movimento. Como diz Teilhard de Chardin em seu *Meio Divino*, trata-se de um Deus que é “a eterna descoberta e o eterno crescimento.” (CHARDIN, 2010, p. 115).

Ao visitar o Brasil, em julho de 2013, na Basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, Francisco pontuou os traços que iriam ser fundamentais em seu pontificado, sempre iluminados com o horizonte do seguimento de Jesus: conservar a esperança, deixar-se surpreender por Deus e viver na alegria (FRANCISCO, 2013). Essas eram as singulares posturas que indicava como pontuais para os cristãos nos desafios que teriam que assumir nos anos vindouros. E foi assim que permaneceu atuando, desde o início simbólico de seu pontificado em Lampedusa (Itália), quando de fato começou sua eminente tarefa apostólica. E escolheu justamente a cidade que simboliza a dor de tantos emigrantes que morreram no mar, buscando um horizonte melhor de vida. Em sua reflexão ali, questionou duramente a “cultura do bem-estar” que acaba provocando a indiferença com respeito aos outros, levando a uma lamentável “globalização da indiferença” (A GLOBALIZAÇÃO DA INDIFERENÇA, 2013).

Desse modo foi levando o seu pontificado, tendo sempre como meta singular a opção pelos mais pobres e excluídos, por uma “igreja em saída”, que rompe com os limites da sacristia e vai em direção aos desvalidos, anunciando-lhes um projeto de vida e de esperança. Também no coração de seu projeto, encontramos o desafio dialogal, peça essencial para a harmonia e respeito entre os povos e as religiões. No belo documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência humana, assinado juntamente com o Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb, em fevereiro de 2019, retomava sua grande convicção, a de que Deus “criou todos os seres humanos iguais nos direitos, nos deveres e na dignidade e os chamou a conviver entre si como irmãos.” (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019).

Francisco vem sendo sobretudo um grande profeta do século XXI, denunciando as desigualdades e a exclusão, as situações de violência que se

esparramam pelo mundo, produzindo dor e divisão, e nomeando o que se presencia como “uma terceira guerra mundial em pedaços” (FT 25). Face à terrível epidemia que vem assolando a humanidade há cerca de dois anos, Francisco também elevou sua voz alternativa, e em nossas lembranças permanecem acesas suas palavras de luz, no final de março de 2020, quando recordou que toda a humanidade se encontra num mesmo barco, com todos “frágeis e desorientados” (FRANCISCO, 2020). A pandemia colocou em evidência a situação de vulnerabilidade que a todos envolve deixando em descoberto “as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas.” (FT 32). Naquele momento solitário de Francisco na Praça de São Pedro, ele eleva a voz ao alto, e clama a Deus por misericórdia, por um olhar compassivo para a humanidade, na busca da coragem necessária, comunitária, para encontrar novos espaços de resistência e luta, em favor de “novas formas de hospitalidade, de fraternidade e de solidariedade”.

Dentre as mudanças mais significativas vividas por Francisco em seu pontificado estão aquelas relacionadas com a nova consciência da Terra, de nossa responsabilidade planetária num tempo de crise ameaçadora. A nova consciência ecológica assumida por Francisco talvez seja o marco decisivo de seu pontificado. Com o advento da pandemia da Covid-19 a Terra mostrou o seu lado de intrusão, de reação violenta contra os descaminhos do homem-humano nesse tempo do Antropoceno. A pandemia serviu para acordar nas consciências a situação precária e ameaçadora de nosso tempo. Em sua encíclica *Fratelli tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social (2020), Francisco sublinha que todos “perdemos o gosto e o sabor da realidade” (FT 33). Ela nos trouxe tribulação, incerteza e a consciência dos limites, indicando a fundamental necessidade de mudança de perspectiva e rumo, tanto em nossas relações, estilos de vida e modo de organização da sociedade. O humano se vê nuamente diante da “realidade que geme e se rebela.” (FT 34).

Em outra encíclica inaugural, a *Laudato si*, sobre o cuidado da casa comum (2015), Francisco alçava sua voz contra a deteriorização do meio ambiente, que afeta sobretudo aos “mais frágeis do planeta”, aqueles muitos portadores de pouco mundo. É quando Francisco se vê desafiado a denunciar ao

mundo inteiro o grande clamor da Terra e dos pobres, sempre conjugados. De forma corajosa fala sobre as “previsões catastróficas” que se anunciam para a humanidade caso não haja uma imediata reação e desaceleração da ânsia de dominação e desenvolvimento. Sublinha que tais previsões não são ilusão, mas ameaças bem presentes, arriscando o caminho vital das próximas gerações. Assinala que “o ritmo de consumo, desperdício e alteração do meio ambiente superou de tal maneira as possibilidades do planeta, que o estilo de vida atual – por ser insustentável – só pode desembocar em catástrofes.” (LS 161).

O alvo de Francisco relaciona-se aos desmandos presentes nesse tempo do Antropoceno, quando o nível de intervenção humano sobre a realidade alcança um grau extremamente perigoso e ameaçador, num tempo em que a soberba e a onipresença da atividade predatória humana alcançam níveis fronteiros. Estamos à margem de um verdadeiro caos advindo da “perturbação” humana. É o tempo da “terra perseguida pelo homem”, como sinalizou a antropóloga Anna Tsing (TSING, 2019, p. 203). O que assistimos é o ritmo ameaçador das mudanças climáticas, da extinção em massa das espécies, da acidificação do oceano, da poluição e contaminação da água doce, das intervenções violentas sobre o ecossistema e a acelerada industrialização. Junto a isso, o êxodo de enormes contingentes de pobres e excluídos, expulsos de seus países pela fome, pela falta de emprego e pela deteriorização do meio vital.

O grito de Francisco vai de encontro à indiferença mundial diante desses riscos iminentes. Propõe um despertar essencial, voltado para a retomada de uma unidade perdida, e de um novo e vigoroso repensar sobre o “sentido da nossa existência”. Sublinha que “alimentamo-nos com sonhos de esplendor e grandeza, e acabamos por comer distração, fechamento e solidão; empanturramo-nos de conexões e perdemos o gosto de fraternidade.” (FT 33).

A *Laudato si* é talvez o grande marco do pontificado de Francisco. Trata-se da encíclica que mais avançou na questão central de nosso tempo, relacionada com o destino da Terra. Nela encontramos a nova convocação de uma irmandade planetária, forjada na firme convicção de uma pertença comum, de uma “pertença como irmãos”. Talvez a palavra mais reverberante da encíclica seja a inter-conexão, a consciência de que “tudo está interligado” (LS 16, 42, 117; FT 34).

Os humanos necessitam despertar para essa consciência *ubuntu*, como dizem os africanos, a consciência de que não estamos isolados e de que necessitamos uns dos outros. Mas não só dos outros humanos, mas de todos os seres vivos que habitam o planeta. Não pode haver “salvação” solitária. Todos estão imbricados e envolvidos no tecido da vida.

Na linha de reflexão de Tim Ingold, singular antropólogo inglês, o ser humano é envolvido por um “nexo singular de crescimento criativo dentro de um campo de relacionamentos desdobrando-se continuamente”. Os humanos não passam de um “tecido de nós” situado num “emaranhado de linhas entrelaçadas” (INGOLD, 2015, p. 120-121). O entrelaçamento é, com certeza, a “textura do mundo”. E tudo encontra-se vivo e em movimento, pois onde há vida há movimento. Isso percebeu claramente Francisco na *Laudato si*, essa rede de interligação, que indica que todos precisamos uns dos outros. E assinala que isso deve ser “reconhecido com carinho e admiração”. São diversos momentos, tanto na *Laudato si* como na *Fratelli tutti* onde essa questão vem sublinhada com vigor. Como diz Francisco, “tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs em uma peregrinação maravilhosa.” (LS 92).

Francisco não poupa críticas à pretensão antropocêntrica do humano, de um antropocentrismo que reconhece como despótico, desordenado e excessivo (LS 68 e 119). O papa admite que toda criação deve ser acolhida com respeito e carinho e que todo esse tecido vital não pode ser excluído como supérfluo. Todos são portadores de “direitos característicos”. Francisco nos convoca a todos, como fazem tantos místicos, a encontrar o Mistério em todas as coisas, pois “há um mistério a contemplar em uma folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (LS 233). Tudo que nos rodeia é “carícia de Deus” (LS 84). A relação do humano com tudo isso deve ser permeada de ternura, cuidado e acolhida, e tudo pode ser realizado na simplicidade de gestos cotidianos, rompendo com a “lógica da violência” que vem marcando o ritmo dos humanos em nosso tempo empobrecido. Ele fala em “cultura do cuidado” e “espiritualidade ecológica”, dois desafios essenciais (LS 216 e 231).

De modo a realizar uma maior sintonia de sua reflexão com as significativas mudanças que vêm ocorrendo no campo da reflexão atual, tanto no campo da filosofia, antropologia, literatura e biologia, Francisco pode ainda avançar mais, tirando consequências nobres de sua reflexão elaborada na *Laudato si*. Uma real “conversão ecológica”, como ele propõe, implica num desdobrar mais radicalmente a sua reflexão, já arrojada. Significa sobretudo romper com laços ainda vigentes com certo antropocentrismo cristão, que ainda se mantém aceso nas suas elaborações teóricas. Há que avançar além, e alcançar o gesto poético nobre de João da Cruz, também lembrado por Francisco na *Laudato si*, e poder cantar: “Meu Amado, as montanhas”. Isso significa entender um passo evidenciado pelo grande mestre Dôgen da tradição Soto Zen, que evidencia o ritmo vital e o movimento das montanhas, vales e rios (DÔGEN, 2005). Tudo que vive está em movimento e é animado por espírito. Isto vale para os humanos, para os animais, os vegetais e os minerais. Vivos estão o sol, as árvores, os ventos. Como mostram com evidências os pensadores do vegetal, tudo que está sob a terra é objeto de “transações cosmopolitas” que desconhecemos profundamente quando destruímos as florestas e devastamos os campos. Nessa cidade subterrânea há uma “arquitetura de teias e filamentos”. Como aponta com pertinência Anna Tsing em seu livro *Viver nas ruínas*,

[...] os fungos criam essas teias à medida que interagem com as raízes das árvores, formando estruturas conjuntas de fungos e raízes chamadas “micorrizas”. As teias micorrízicas conectam não apenas raízes e fungos, mas, através de filamentos fúngicos, árvores com árvores, conectando a floresta em emaranhados. Essa cidade é uma cena animada de ação e interação. (TSING, 2019, p. 43).

Francisco dá um passo importante logo no início da *Laudato si*, ao reconhecer que “nós mesmos somos terra” e que nosso corpo é tecido por elementos do planeta. Esse é um passo importante, mas que envolve consequências que são fundamentais para entender o composto vital de todo o universo. Por razões de inscrição institucional o papa não conseguiu ainda prolongar e radicalizar essa reflexão, captando o giro extraordinário que acompanha a “virada animal” e a “virada vegetal” em curso, que, certamente, vai se complementar com uma “virada mineral”, numa perspectiva teilhardiana revisitada e transformada.

Em seu livro precioso, em torno do *Pensamento vegetal*, o pensador Evando Nascimento retoma pistas significativas lançadas por autores contemporâneos das áreas da literatura, botânica e filosofia, como os italianos Emanuele Coccia e Stefano Mancuso, com a intenção de apresentar os meandros novidadeiros do que denominou “pensamento vegetal” (NASCIMENTO, 2021). Para além da tradição humanista, como as expressas por pensadores como Heidegger e outros, Evando abre portas e janelas para entender o *humanus* na sua rede de conexões. Um humanismo que, sem desconhecer a singularidade dos seres humanos, ousa “pensar o mais impensado e mesmo o mais impensável até aqui, ou seja, nossas relações com outros viventes” (NASCIMENTO, 2021, p. 21). Trata-se de dar um *balzo in avanti*, de um passo ousado, para além de nosso “imaginário simbólico”. Fala-se hoje no despertar da florestania, dos direitos das florestas, como se vem falando também dos direitos animais etc.

O grande desafio que se coloca hoje para Francisco e toda a igreja católica é o de avançar para além do antropocentrismo, de poder captar a vida nesse “fluxo contínuo planetário”. É um campo novo e essencial para ampliar a visão de diálogo, de modo a envolver o inter-ser e o viver-com. Como diz Evando,

[...] o mais isolado dos humanos ou dos viventes animais ou vegetais convive com espécies e coisas que lhes são, ao mesmo tempo, alheias e vizinhas, dependendo delas para sobreviver. A solidão absoluta inexistente, pois, a solidariedade, natural e cultural, é uma lei mínima da existência, incontornável para quem ou o que vive. (NASCIMENTO, 2021, p. 34).

Apesar de todo o horizonte sombrio que nos ameaça, é possível acreditar em caminhos de sobrevivência, de tessitura de novas solidariedades, de encontrar brechas de luz nesse mundo nublado. É o que Anna Tsing nomeia como “ressurgência”, envolvendo o trabalho “de muitos organismos que, negociando através de diferenças, forjam assembleias de habilidades multiespécies” (2019, p. 226), como mostrou Anna Tsing. O papa Francisco tem diante de si esse imensurável desafio, de tecer cordas, de recompor a ideia de diálogo nessa visão mais ampla e arejada, para além dos circuitos fechados das instituições tradicionais. O ver mais além é poder entender que o humano não é o umbigo do mundo, mas que é parte do ser. Entender que ele não é o único ser interessante que existe, mas que está inserido num campo vital e provocador. É possível e

necessário cultivar uma nova reverência para com o todo e encontrar caminhos para “adiar o fim do mundo”.

REFERÊNCIAS

- A GLOBALIZAÇÃO da indiferença nos tirou a capacidade chorar. O discurso de Francisco em Lampedusa. **Revista IHU On Line**. São Leopoldo, 09/07/2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/521786-qadao-onde-estas-caim-onde-esta-o-teu-irmao-o-discurso-de-francisco-em-lampedusa>. Acesso em: 16/12/2021.
- CHARDIN, Teilhard. **O meio divino**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- DÔGEN, Maître. **Shôbôgenzô**. Le vrai loi, trésor de l’oeil. Tome 1. Paris: Sully, 2005.
- FRANCESCO, Papa; SCALFARI, Eugenio. **Dialogo tra credenti e non credenti**. Torino: Einaudi/La Repubblica, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Palavras do papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. A alegria do evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa; AL-TAYYEB, Imame Ahmad. **Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum**. Abu Dabhi, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso em 16/12/2021.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Momento extraordinário de oração em tempo de pandemia**. Cidade do Vaticano, 27/03/2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html. Acesso em: 16/12/2021.
- KASPER, Walter. **Papa Francesco**. La rivoluzione della tenerezza e dell’amore. Brescia: Queriniana, 2015.
- INGOLD, Tin. **Estar vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.
- NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal**. A literatura e as plantas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- TSING, Anna. **Viver nas ruínas**. Paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.